

A MEMÓRIA EM MISSA DOS QUILOMBOS, DE PEDRO CASALDÁLIGA

LA MEMORIA EN MISSA DOS QUILOMBOS, POR PEDRO CASALDÁLIGA

Alex Fabiano Correa¹
Edson Flávio Santos²

Recebimento do Texto: 17/03/2025

Data de Aceite: 10/04/2025

Resumo: O presente artigo tem como viés uma análise da obra *A missa dos Quilombos* (1982), do escritor Pedro Casaldáliga, com um recorte para a memória que centraliza um diálogo com o módulo: Literatura e Memória, ao que tange a recordação de uma vivência do meio social, numa abordagem analítica entre Maurice Halbwachs (1877-1945) e Stuart Hall (1932-2014), verificaremos como se tangência a relação da memória presente dentro do texto e como ela evidenciará as dimensões da recordação coletiva de uma sociedade que pensa a partir da resistência do Quilombo. É a sociedade que segregada que derrogará na criação de um novo espaço coletivo que é fruto de uma memória da coletividade, se pensarmos aqui em Halbwachs. Como metodologia utilizaremos uma análise bibliográfica sobre *A missa dos Quilombos* alinhada à base teórica sobre memória.

Palavras-chave: Memória Coletiva. Meio Social. *A missa dos Quilombos*.

Resumen: Este artículo se centra en el análisis de la obra de Pedro Casaldáliga, *A Missa dos Quilombos* (1982). Este trabajo se centra en la memoria, centrando el diálogo con el módulo Literatura y Memoria, en torno al recuerdo de una experiencia en el entorno social. Mediante un enfoque analítico basado en Maurice Halbwachs (1877-1945) y Stuart Hall (1932-2014), examinaremos cómo la relación de la memoria presente en el texto es tangencial y cómo resalta las dimensiones de la memoria colectiva de una sociedad que piensa desde la perspectiva de la resistencia del quilombo. Es la sociedad segregadora la que se verá afectada en la creación de un nuevo espacio colectivo, fruto de la memoria del colectivo, considerando a Halbwachs. Como metodología, utilizaremos un análisis bibliográfico de *A Missa dos Quilombos* alineado con la base teórica de la memoria.

Palabras- clave: Memoria colectiva. Entorno social. *A Missa dos Quilombos*.

¹ Graduado em História. Especialista em Educação de Jovens e Adutos. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso. Bolsista Capes. Orientando do Edson Flávio. E-mail: alex.correa@unemat.br

² Mestre (2011) e doutor (2018) em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. Graduado em Letras (2002) é docente credenciado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL/Campus de Tangará da Serra. É escritor, pesquisador e integrante do Núcleo de Pesquisas Wlademir Dias-Pino. E-mail: edsonflaviomt@gmail.com

Introdução

*E à espera do nosso Quilombo total
-o alto Quilombo dos céus-,
os braços erguidos, os Povos unidos
serão a muralha ao Medo e ao Mal,
serão valhacouto da Aurora desperta nos olhos do Povo,
da Terra liberta no QUILOMBO NOVO!!!
(Casaldáliga, 1982, p.30)*

A *missa dos Quilombos* (1982) está, no seu sentido *strictu*, ligada a Teologia da Libertação. O que nos induz a fazer um adendo de que falaremos do Pedro-escritor, mesmo reconhecendo, neste, a permanência da luta, dos anseios e dos desejos como testemunho e memória cultural de um povo. O protagonismo da *Missa* e, posteriormente, o protagonismo da canção, imortalizada na voz de Milton Nascimento, despertam uma memória coletiva e afetiva que se mantém viva no processo de interculturalidade, e a identidade aparece como foco único. A *missa dos Quilombos* além de ser um mistério da fé, toca nos sentidos daqueles que participam do pão partilhado e da escuta da palavra: a obra celebra a memória e o testemunho como fruto desse ato de recordação e da vivência.

Na perspectiva de ser uma obra que resgata valores identitários, *A missa* parte das representações para uma transmissão de testemunho, ao se constituir como uma primeira missa que revela questões progressistas dentro de um cenário conversador. Existe, portanto, uma força tangencial maior que é o caráter de partir de movimentos negros.

E amparemo-nos em Maurice Halbwachs que ao pensar a construção da memória, defende uma memória coletiva dentro da formação de grupos sociais que mantém a história, através das lendas e práticas culturais que são passadas de geração à geração. No entanto, quando pensamos que a memória individual é fornecida por características que advém de contextos de comunidades que são marcadas por seus estigmas, percebemos que fica claro, o movimento de agrupamento de certos grupos sociais, inclusive aqui, do movimento negro, uma vez que o papel da *Missa dos Quilombos* atravessa saberes tradicionais, dentro de uma perspectiva em que a memória se correlaciona com a sociedade, e que

a literatura encontra sua representatividade no corpus literário; percebemos na Missa do Quilombos uma construção mnemônica, como veremos, Casaldáliga (1982, p.1):

[...] Seremos Zumbis, construtores
dos novos QUILOMBOS queridos.
Nos muros remidos
da nossa Cidade,
nos Campos, por fim repartidos,
na Igreja do Rei,
de novo do Povo,
seremos a Lei
da nova Irmandade.
Iremos vestidos
das palmas da Vida.
Teremos a cor da Igualdade.
Seremos a exata medida
da humana feliz Dignidade.
Berimbaus da Páscoa marcarão o pé,
o pé quilombola do novo Toré.
Pela Terra inteira
juntos dançaremos
nossa Capoeira.
Seremos bandeira,
seremos foliões.
No Novo Israel plantaremos
as tendas dos filhos do Santo.
Os prantos, os gritos,
unidos num canto
de irmãos corações,
na luta e na festa do ano inteiro.
(Casaldáliga, 1982, p. 19).

É na primeira estrofe da *Missa* que o ato de recordação é evidenciado como fruto de união, de fraternidade ou, quiçá, de Irmandade Para algumas comunidades quilombolas, a questão da comunhão que aparece com força na Missa dos Quilombos, parece ter se constituído como prioridade em suas agendas sociais, utilizando-se da fraternidade como espaço privilegiado de lutas.

1 A missa dos quilombos e a identidade mnemônica de um povo esquecido

Analisar a memória é fundamental, principalmente quando recordamos que Pedro-escritor enfatiza a recordação de um povo que rememora suas tradições e lembra de suas vivências.

A identidade é um fator determinante dentro de um grupo (Halbwachs, 1990, p.87) e é nessa e pela identidade cultural que averiguamos uma memória coletiva que se expressa dentro da obra *A missa dos Quilombos*, reforçando o ato de compartilhar por um grupo e entre um grupo, constituindo o caráter da memória coletiva, organizada em torno das experiências desse grupo. O entrelaçamento inegável entre os encontros comunitários, por meio de uma literatura oral e histórica, e os valores transmitidos constituem-se uma dinâmica das raízes culturais e sociais. Halbwachs para quem a memória coletiva é um mecanismo de continuidade cultural, que preserva características essenciais, sem perder a identidade. É, no ato de rememorar, que o caráter coletivo é assegurado:

[...]Berimbaus da Páscoa
marcarão o pé,
o pé quilombola do novo Toré.
Pela Terra inteira
juntos dançaremos
nossa Capoeira.
Seremos bandeira,
seremos foliões.
No Novo Israel plantaremos
as tendas dos filhos do Santo.
Os prantos, os gritos,
unidos num canto
de irmãos corações,
na luta e na festa do ano inteiro.
(Casaldáliga, 1982, p.19)

Para corroborar com nossa análise Hall (2000, p. 50) enfatiza:

Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo, as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais

podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Na marcha final da *Missa dos Quilombos* definida como *de Banzo e Esperança*, salienta-se a importância da construção da memória de uma cultura nacional brasileira há tempos contada e recontada com vários recortes. Histórias essas que são ditas de outros panoramas, pois, em certas narrativas as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres dão sentido à noção de grupos: e o quilombo é um deles, embora a palavra quilombo tenha sido aportuguesada, como descreve Vainfas, “[...] vocábulo de origem banto (kilombo) alusivo a acampamento ou fortaleza (Hall, 2016, p. 28).

Casaldáliga (1982, p.32), enfatiza que:

Trancados na noite, milênios
afora
Forçamos agora
As portas do dia
Faremos um povo de igual
rebeldia
Faremos um povo de bantus
iguais
Na só Casa Grande do Pai

Os Negros da África
Os Afros da América
Os Negros do Mundo
Na aliança com todos os Povos
da Terra.

É na reivindicação de uma comunidade imaginada que as memórias do passado são evocadas dentro de um território de resistência e que se constrói uma relação com a ancestralidade, com o uso da terra, com a forma de organização e manifestações de identidade étnica e cultural, forma reiterada de conformação de um sujeito diaspórico.

[...]Estamos chegando do fundo da terra,

estamos chegando do ventre da noite,
da carne do açoite nós somos,
viemos lembrar.

[...] Estamos chegando da morte nos mares,
estamos chegando dos turvos porões,
herdeiros do banzo nós somos,
viemos chorar.

[...]Estamos chegando dos pretos rosários,
estamos chegando dos nossos terreiros,
dos santos malditos nós somos,
viemos rezar.

[...]Estamos chegando do chão da oficina,
estamos chegando do som e das formas,
da arte negada que somos
viemos criar.

[...]Estamos chegando do fundo do medo,
estamos chegando das surdas correntes,
um longo lamento nós somos,
viemos louvar. (Casaldáliga, 1982, p. 2)

A missa dos Quilombos explora um caráter de estreita aproximação entre a literatura e a realidade histórica-social, estabelecendo a memória como matéria vertente, condição *sine qua non*, das experiências e que mantemos vivas pela recordação.

2 Uma abordagem memorialista da *missa quilombos* no viés da identidade cultural e memória coletiva

A questão fundamental aqui é a identidade como forma de rememoração. Quiçá, por um pressuposto estabelecido que permite compreender que a recordação de povos, na diáspora, experimenta um modo próprio de consolidar o seu ser no mundo. Eis uma questão aos afrodescendentes.

Percebemos, portanto, que na *Missa dos Quilombos* reflete e se discute questões sociais e políticas, confrontando a experiência fictícia da memória com o das vivências de uma comunidade marginalizada e que, muitas das vezes, perdeu

sua identidade por enfrentar o caráter de uma sociedade tradicional, conservadora e racista que poucas vezes ressignifica, reconhece e valoriza as antigas tradições oriundas do povo africano; constituindo-se num dilema da cultura africana no Brasil, e dentro do universo da representação quilombola.

Em um ato de silenciamento, o tempo se encarrega de forjar a ideia de negritude em uma rationalidade com o espaço, nesse processo de reterritorialização da diáspora, vemos que as vozes do quilombo são silênciadas a cada dia. É no conceito historiográfico que encontramos as memórias individuais entrelaçadas na vida social de cada um, enfatizamos que colocamos a identidade como ato de passagem da recordação.

Como nos aponta A missa dos Quilombos (1982, p. 8.),

[...] Mas um dia, uma noite, surgiram os Quilombos, e entre todos eles, o Sinaí Negro de Palmares, e nasceu, de Palmares, o Moisés Negro, Zumbi. E a liberdade impossível e a identidade proibida floresceram, “em nome do Deus de todos os nomes”, “que fez toda carne, a preta e a branca, vermelhas no sangue”. Vindos “do fundo da terra”, “da carne do açoite”, “do exílio da vida”, os Negros resolveram forçar “os novos Albores” e reconquistar Palmares e voltar a Aruanda.

Em Halbwachs, quando explora a identidade cultural, vemos que o aspecto inseparável da memória de um grupo é a identidade cultural. Como expressão de determinada comunidade é formada e que reforça as lembranças compartilhadas que o grupo constituiu ao longo do tempo e, por sua vez, a memória coletiva organiza as experiências como referências em comum dos membros desse grupo (que lembra e interpreta o momento presente dentro dos atos do passado). Argumenta, ainda, Halbwachs que a identidade cultural não é fixa, porém é reforçada por práticas de gravação que ocorrem em momentos de encontros, festividades. Salientamos a missa, com a sua liturgia, constituindo-se no encontro e na celebração de vivências partilhadas por meio das rezas e da oralidade.

[...] E à espera do nosso Quilombo total
-o alto Quilombo dos céus-,
os braços erguidos, os Povos unidos

serão a muralha ao Medo e ao Mal,
serão valhacouto da Aurora desperta
nos olhos do Povo,
da Terra liberta
no QUILOMBO NOVO!!!

De Paul Ricoeur encontramos dentro da investigação filosófica pelo ser. Para Ricoeur nesse trajeto, é mister abandonar O sujeito, nesse aspecto, comprehende-se frente ao mundo em que habita na constante arte de refletir acerca dos mitos, símbolos e, consequentemente, do texto. Como segue os trechos,

[...] Seremos Zumbis, construtores
dos novos QUILOMBOS queridos.
Nos muros remidos
da nossa Cidade,
nos Campos, por fim repartidos,
na Igreja do Rei,
de novo do Povo,
seremos a Lei
da nova Irmandade.
Iremos vestidos
das palmas da Vida.
Teremos a cor da Igualdade.
Seremos a exata medida
da humana feliz Dignidade.
Missa Dos Quilombos

Podemos salientar que uma literatura oral que perpassa o tempo e o espaço, persistindo nas raízes de um povo, é onde a memória se manifesta. O recorte que fazemos é da lembrança para os valores transmitidos, porém não podemos deixar de frisar que as raízes culturais de um grupo, se identifica com um destaque à memória coletiva e ao mecanismo de continuidade cultural. A obra de Halbwachs salienta que a comunidade preserva e afirma suas características essenciais, adaptando-se sem perder a identidade, portanto, é a memória coletiva que transmite um reforço para o sentido de abrangência histórica e sentido de pertencer a uma comunidade que é o fator determinante de uma cultura.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou compreender a aplicação da memória coletiva e a identidade, duas categorias elucidativas que se conjugam na obra em análise, *A missa dos Quilombos*. O movimento enquanto grupo social Quilombola e sua visibilidade na luta de vozes, vez e lugar, que legitima um grupo social esquecido.

É pela regionalização que abordamos o caráter memorialístico no diálogo com os teóricos Halbwachs e Hall, que nos ajudaram a construir um embasamento para desenvolvermos a análise literária, sem perder a História como ponto ápice. E muitas vezes a Literatura e a História se desprendem, porém se faz necessário um diálogo interdisciplinar, pois é pela recordação da *Missa*, dos encontros que a memória afetiva se personaliza fazendo-se identidade de cada membro que participa com sua construção social. E é por essa reconstrução de suas vivências que percebemos a longa jornada pela frente.

Referências

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2a ed. São Paulo:
Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. São Paulo:
DP&A, 2006.

LP. **Missa dos Quilombos**. Texto de Apresentação/Letras: Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra. Música: Milton nascimento. Pilipps/Ariola, 1982.<https://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/poesia/quilombos.htm> Acesso: 15 nov 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2a ed. São Paulo:
Centauro, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. São Paulo:
DP&A, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, Política e Identidades**. Belo Horizonte:
UFMG, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira.** In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** v. 4 (História, teoria, polêmica). Belo Horizonte: Editora UFMG, s/d.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.